

editorial

Brasileiras e brasileiros se prepararam para escolher o presidente da República, governador, senadores, deputados estaduais e federais.

Apesar de os partidos serem obrigados a reservar às mulheres pelo menos 30% das candidaturas legislativas, essa exigência pouco ou nada repercutirá na futura Câmara. Das 4.665 candidaturas a deputado federal registradas no Tribunal Superior Eleitoral, apenas 542 (ou 11,75%) são de mulheres.

O mais provável, em consequência, é um pequeno crescimento da representação feminina. Mas também não se exclui a hipótese dessa representação permanecer na sua atual dimensão, de 32 integrantes. A representação de mulheres no Senado tende a passar de 5 para 7 a 11 integrantes.

Enquanto entre os partidos governistas as maiores chances, como regra, se voltam para as candidatas vinculadas a esquemas oligárquicos – mulheres ou filhas de antigos políticos ou detentores de mandatos majoritários –, nos partidos de esquerda as novas candidatas de maior potencial são aquelas que construíram suas identidades políticas de forma mais autônoma, na militância partidária ou nos movimentos sociais.

As projeções citadas foram feitas pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos.

Ser mulher é estar em todos os lugares, nas lutas, nas ruas, na batalha do dia-a-dia. Mas para estar definitivamente na política, muita coisa ainda deve ser mudada.

As Semprevivas



Reprodução

Entre dois mundos

Por Marisol Recamán

Um tema que anda em voga, muito em função das eleições, é a mulher e a política. Sem dúvida, o principal interesse está no comportamento eleitoral das mulheres. Segundo o Tribunal Superior Eleitoral, 50,84% do eleitorado é formado por mulheres. No total, são 58.610.906 aptas a votar. Os eleitores do sexo masculino somam 56.443.272 (ou 48,96%). Claro que essa informação suscitou interesses imediatistas para conquistar o voto feminino.

Inicia-se, assim, uma corrida de construção de imagem dos candidatos que, além dos atributos tradicionais, deve agora conter características que os aproximem das eleitoras. Recorreram a candidatas, vices mulheres, primeiras-damas com hiper exposição e super valorizadas, discursos que contemplam frases para as mulheres, passam por bons pais e maridos. Mas esses esforços e mecanismos do marketing não compreendem o papel da mulher na sociedade ou reproduzem apenas símbolos

do mundo masculino com batom.

Os políticos não identificam e não se dão conta da complexidade da condição feminina atual, tentando, por caminhos fáceis, padronizados e até estereotipados, criar vínculos com as preocupações, demandas e expectativas da brasileira que, no fundo, parecem ignorar.

A pesquisa “A mulher brasileira nos espaços público e privado”, da Fundação Perseu Abramo (2001), ajuda a mostrar o quanto as instituições políticas e as campanhas eleitorais continuam a negar

a grande transformação que ocorre na vida das mulheres no Brasil.

As percepções do ser mulher hoje, as diferenças entre homens e mulheres, bem como o que há de bom e ruim em ser mulher expressam um movimento permanente, intenso e fadigante entre o mundo público (pautado no trabalho remunerado) e privado (maternidade, família e trabalho doméstico).

Trabalho, autonomia e independência

A inserção no mercado de trabalho, citada por 38% das entrevistadas como a decisiva característica da mulher atual, é valorizada por possibilitar autonomia e independência econômica em relação aos (seus) homens. A dimensão da inserção no mercado de trabalho é outra vez encontrada quando respondem o que escolheriam para melhorar a vida das mulheres: a primeira seria acabar com a desigualdade salarial, determinariam igualdades gerais de condições e oportunidades entre homens e mulheres no mercado de trabalho (47%).

Ao mesmo tempo, o mundo privado aparece na descrição das principais características da mulher. É na maternidade que se convergem as atenções que valorizam esse espaço, muito mais pela capacidade biológica (poder gerar, dar vida) do que pelo apelo à criação dos filhos. Mas é esse mundo privado que é citado por 61% das entrevistadas como o lugar onde estão as piores coisas de ser mulher: acúmulo de responsabilidades (criação dos filhos) e trabalho (o peso das tarefas domésticas), a violência doméstica, a saúde, a relação com o marido (obediência, maus tratos e dependência econômica) e tarefas e obrigações em relação à família.

A rejeição a esses fatores não somente passa pelo grau de exploração vivido pelas mulheres, mas também pelas correntes que atam as possibilidades reais de ter vivências em um âmbito até há pou-



co tempo proibido para as mulheres: a vida pública.

Esse panorama não ilustra a desvalorização da família. Pelo contrário, essa instituição é citada como algo muito importante. O que esses resultados trazem é uma mudança radical no agir e pensar da mulher, vivenciando contradições que a sociedade é incapaz, pelo menos por enquanto, de superar. Na experiência concreta, por mais penosa que seja, há uma permanente tentativa de articulação entre dois mundos, que constrói o universo feminino de hoje, impregnado de símbolos, valores e ações, fruto da mistura do público e privado.

As mulheres seguem o rumo de profundas transformações, ocupando cada vez mais o espaço público, mas ainda estão longe de ocuparem os espaços do poder político. Esse mundo da política, que traduz simbologias, interesses e ações daqueles que possuem a fisionomia masculina, dos brancos e essencialmente ricos, é ainda um mundo muito distante para as mulheres.

A elite política, tradicionalmente intolerante, encastelada e fisiológica, não incorpora os avanços que ocorrem nas

casas e nas ruas do Brasil. Por isso, poucos conseguem, neste momento da conquista do voto, dialogar com a complexa realidade feminina. O fosso existente entre as instituições políticas, seus discursos e interesses e a condição real das mulheres sempre foi enorme e, infelizmente, não se pode afirmar que nestas eleições haverá grandes avanços.

Por outro lado, é verdade que as mulheres vivem um estado de opressão que restringe as potencialidades e o desenvolvimento trazido pelo acúmulo de ricas e múltiplas experiências de cidadania.

Mulheres e a política: uns podem mais que outras

Esperar das mulheres um determinado comportamento político-eleitoral que incorpore idéias, valores e critérios construídos em um mundo onde estão impedidas de participar plenamente é ingenuidade ou cegueira em relação ao tamanho da opressão.

As diferenças de voto entre mulheres e homens, observadas nas pesquisas eleitorais, traduzem, por um lado, a estreiteza da política institucionalizada em relação a uma transformação social que as mulheres levam a cabo, que não percebem que seus programas, discursos e imagem eleitorais são insuficientes e não dialogam com elas.

E o que é importante para o feminismo é que essa dinâmica revela uma profunda desigualdade de gênero, na qual uns podem mais do que outras. A discussão não é de mero interesse ou despolitização das mulheres, mas sim de cerceamento, pois as fortes estruturas de opressão ainda impedem as mulheres de chegarem aos espaços de poder e aí exercerem a política. Não a dos homens, mas a política de todos.

Nova divisão sexual do trabalho?

por Miriam Nobre e Fernanda Estima

A socióloga Helena Hirata realizou na SOF, no dia 28 de agosto, uma apresentação de seu novo livro - *Nova Divisão Sexual do Trabalho?* - e sobre o debate feminista francês. Comentou a globalização compreendida como o aumento na intensidade nos fluxos comerciais e financeiros, as tecnologias de informação, as políticas governamentais neoliberais e o peso externo das instituições financeiras multilaterais e das transnacionais nas definições de cada país.

Cresceu o emprego assalariado das mulheres, disse Helena, mas aumentou a vulnerabilidade, precariedade e instabilidade dos empregos femininos. Algumas feministas vêem neste processo uma tendência à maior igualdade entre mulheres e homens; outras, como ela, percebem a permanência e a criação de novas desigualdades que se somam em cascata. Um exemplo, além dos baixos salários, é a falta de oportunidades de carreira e o crescimento de doenças profissionais, como a LER.

Um tema candente é a bipolarização, o aumento das diferenças entre as mulheres. Cresce o número de mulheres em profissões e postos de trabalho melhor remunerados e com maior status, mesmo que ainda nestes níveis permaneçam desigualdades entre mulheres e homens. Mas a maioria ainda permanece em ocupações tradicionais das mulheres e aumenta o emprego doméstico não só no Brasil, mas na França e nos Estados Unidos.

O debate para o movimento feminista é se estas diferentes posições significam oposições ou interesses contraditórios. Danièle Kergoat pensa que sim, pois as mulheres que crescem na profissão se beneficiam deste enorme contingente de auxiliares nos serviços domésticos e de apoio no escritório, no consultório. O Coletivo Nacional pelos Direitos das Mulheres expressou esta visão em recente carta enviada ao presidente eleito Jacques Chirac. Helena



Capa do livro editado pela Boitempo

acredita que existem reivindicações diferentes, mas também unitárias e que não cabe aceitar e expressar publicamente tal separação entre as mulheres.

Metamorfoses no trabalho

Nova divisão sexual do trabalho? é o resultado de longa reflexão feita por uma das mais importantes pesquisadoras sobre a temática que trata das interfaces e transversalidades entre *trabalho, classe e gênero*. Com uma contribuição que tem repercussão mundial, Helena Hirata apresenta neste livro o resultado (inédito no Brasil) de duas décadas de rigorosa pesquisa, com o olhar voltado para as inúmeras particularidades e metamorfoses que vêm ocorrendo no mundo do trabalho.

Países como Japão, França e Brasil são pesquisados de modo comparativo, sempre perseguindo a hipótese de que, quando se assume um *enfoque do ponto de vista das relações de gênero, o problema do emprego feminino transcende a análise do mercado de trabalho*.

Percorrendo as múltiplas faces do trabalho, a autora confere à dimensão *sexuada* elemento de relevância nos estudos do trabalho. E, ao fazer isso, mescla tanto as dimensões *econômicas e sociais* quanto as *sexuais* para se com-

preender a nova divisão internacional do trabalho, com suas inúmeras faces.

Dentre suas descobertas, constatou uma extrema diversidade na gestão da força de trabalho, quando o olhar tem como referência o corte Norte-Sul. Reconhece, por exemplo, no que concerne à organização do trabalho dos três países, *que o trabalho manual e repetitivo era predominantemente atribuído às mulheres, sendo que aquele mais dotado de atributos e conhecimentos técnicos era predominantemente destinado aos homens*. Enquanto as áreas de trabalho intensivo são reservadas predominantemente às mulheres, aquelas dotadas de maior capital intensivo, com maior incremento tecnocientífico, são majoritariamente destinadas ao trabalho masculino.

Disso decorre frequentemente, segundo Hirata, uma *maior* precarização do trabalho das mulheres, recorrentemente em regime de *part-time*, marcado por maior informalidade, redução salarial, e também pela falta de perspectiva promocional na carreira, restrições na política de formação profissional, mesmo quando o emprego é marcado por estabilidade, como é o caso do emprego público.

Com o olhar atento para essa morfologia, Helena afirma que “nas análises sobre as relações sociais de sexos, entendidas como relações desiguais, hierarquizadas, assimétricas ou antagônicas de exploração e de opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas, a preeminência de um dos componentes dessas relações, seja o componente opressão/dominação de sexo, seja o componente superexploração econômica, constituiu uma das diferenças mais importantes que fragmentaram o campo das pesquisas e dos movimentos feministas, tanto no Norte quanto no Sul”.

Recusando as dicotomizações e os dualismos, a autora oferece nesse livro uma densa articulação entre esses níveis analíticos essenciais do ser social.

Vida e obra de Frida Kahlo, pelos olhos de Hollywood

por Fernanda Estima

A pintora mexicana Frida Kahlo, que transformou suas dores físicas (fruto de um grave acidente de bonde ocorrido na adolescência) e emocionais (a conturbada relação com o muralista Diego Rivera) em quadros admirados no mundo todo, estreiará em breve na telona com o filme *Frida*, produção norte-americana.

Com *Frida*, a diretora Julie Taymor aborda o complicado casamento da artista com Diego Rivera, passa por aspectos políticos, ao lembrar que ela teve um affair até hoje controverso com um dos líderes do comunismo russo, Leon Trotsky. Relata que Frida também teve casos com mulheres. Mas sempre falando de arte, o ponto de contato entre a pintora e Diego Rivera, cenário principal do seu conflituoso relacionamento.

Frida tem, além de Salma Hayek, que também é co-produtora, Antonio Banderas, Geoffrey Rush e Alfred Molina no elenco. Caetano Veloso gravou a música tema do filme, chamada *Burn it Blue*.

A pintora morreu aos 47 anos, terminando uma trajetória marcada por



Auto retrato, 1940

doença e deixando uma série de obras introspectivas. Aos poucos começou a ser considerada uma das mais famosas pintoras do mundo, com um de seus quadros atingindo US\$ 10 milhões em leilão no ano 2000. Ela foi adotada como ícone feminino, adorada por sua criatividade - mesmo sofrendo dores físicas e a infidelidade do marido -, assim como pela audácia com que explorava relacionamentos com homens e mulheres importantes.

o que rola

A nossa luta é todo dia, somos mulheres e não mercadoria!

A Marcha Mundial das Mulheres iniciou o debate sobre a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) por entender que garantir a soberania e lutar por outro modelo de desenvolvimento para o Brasil, América Latina e Caribe passa por impedir o estabelecimento desse acordo.

Em 2002 a intervenção da Marcha foi iniciada com forte presença na passeata do Fórum Social Mundial. O tema teve continuidade no 8 de março, com oficinas e debates em vários Estados e participação ativa na coordenação da campanha do plebiscito.

Esse trabalho frutificou e no dia 12 de agosto ocorreu um dia nacional de atividades das mulheres contra a Alca. Com muita informação, criatividade e articulação expressou um feminismo radicalmente empenhado na luta pela auto-determinação das mulheres combinado com a afirmação de um projeto igualitário para mulheres e homens, que diz não a toda e qualquer forma de opressão e exploração.

Grandes atividades foram realizadas em São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, na região do Vale dos Sinos e Caxias do Sul, em Londrina, Mossoró, Natal e Caicó, em Fortaleza, Maceió, na Paraíba, em Recife, Oeste do Pará, Boa Vista, Manaus e em Campo Grande.

folhafeminista

nº 37 agosto de 2002 ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Márcia Camargo, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otília Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da ICCO.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria
Editora: Fernanda Estima (Mtb 25.075)
Projeto Gráfico: Alexandre Bessa
Diagramação: Márcia Helena Ramos
Fotolito: Input
Impressão: RWC Artes Gráficas
Tiragem: 1.500 exemplares
Número avulso: R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
 05417-080 - São Paulo / SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: sof@sof.org.br

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

próximos números

- FLEXIBILIZAÇÃO DOS DIREITOS DAS TRABALHADORAS
- VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES